

LABIRINTO E MEMÓRIA DE RIOBALDO: A VOZ ANTIGA DA PALAVRA JOVEM

Adeílato Manoel PINHO¹

RESUMO

Exponho algumas reflexões sobre a importância de lembrar, procedendo a um recorte temático sobre a memória de velhos, tanto para corroborar a relevância que outras áreas de estudo já afirmam sobre este fenômeno, quanto para inquirir se a literatura tem condições de dar conta também do tema. Ficções como *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, articulam-se por meio de um narrador que, chegada à idade madura, precisa contar a sua vida a um interlocutor, ao feito de encenação. A lembrança de velhos permite vislumbrar os aspectos limiares entre a memória, a narrativa e a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Memória; *Grande Sertão: Veredas*; literatura brasileira.

ABSTRACT

This paper takes into consideration some reflections about the acts of memory, focusing aged people. It aims to reinforce the relevance of this subject, already studied by other areas, and it also has the purpose of checking if literature is able to treat the same topic. Fictions as *Grande sertão: veredas*, produced by the Brazilian writer João Guimarães Rosa, may be, in fact, articulated by a narrator who, when in his old ages, needs to tell his life to an interlocutor, as if the story, which is being told, were put on scene. Memories of ancient people may put in relief the border and connected aspects among memory, narrative and literature.

KEYWORDS: Narrative; Memory; *Grande Sertão: Veredas*; Brazilian Literature.

As idéias de Walter Benjamin em seu ensaio “O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov” (1994) tornam explícitos os argumentos sobre morte e narrativa, sendo aqui, a velhice, um prenúncio positivo da *catástrofe do esquecimento*. Eis como J. J. Rousseau se posiciona em relação à memória: “as lembranças se gravam na minha memória com traços cujo encanto e força aumentam dia a dia; como se, sentindo que a vida me escapa, eu procurasse aquecê-la pelos seus começos (Confissões)” (*Apud BOSI, 1987, p. 34*). As motivações construídas pelo filósofo suíço para o fortalecimento da memória são decantações da percepção que se tem da passagem do tempo no próprio corpo, na disponibilidade, na visão do outro.

O exercício memorialista é tanto vital quanto dramática é a energia que o motiva. Para o autor de *La Nouvelle Héloïse*, o apego à vida frente à aniquilação pela morte e o temor do esquecimento, sombra terrível em pessoas sedentas por glória, motivam a encenação da memória. Segundo Ecléa Bosi, de onde retiro o excerto de Rousseau, um indivíduo nunca morre (catástrofe) tendo explicitado todas as suas possibilidades, ou antes, morre na véspera, e outro terá que completar a sua demanda, para que aquele tenha de fato existido por completo. Interessa requerer os sentidos da aparente controvérsia entre a função social da narrativa e o seu desaparecimento pelo arbítrio da barbárie, termo ao gosto de Benjamin.

O envelhecimento individual parece dar-se da mesma maneira coletivamente, ou seja, uma pessoa envelhece como envelhecem todas de um grupo. Por isso precisamos do idoso, ou melhor, não podemos nos dar ao luxo de descartá-lo do nosso convívio, como também a sua capacidade de falar o passado. De certa forma, a discussão sobre o exílio do velho do espaço social está conectada à tentação contemporânea, quase um fetiche, pelo desaparecimento do corpo nas relações sociais: amigos e amantes virtuais, identidade do consumidor substituindo a da pessoa, etc. Contudo, pode-se descartar tanto a voz sábia do ancião quanto o toque e o calor dos corpos sociais sem o prejuízo do silêncio e da violência (nova barbárie) no inevitável exercício do papel coletivo em instituições onde o corpo-a-corpo ainda não pode ser re-locado ou reciclado? Como em escolas, hospitais, igrejas.

¹ Professor do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

O contador de histórias domina as seguintes faculdades: alma, mãos e palavras. É preciso ver as mãos narrando o mundo em desenhos e gestos ancestrais, as palavras podem ser escritas e também faladas: então há uma poética da voz (os mais céticos podem chamar de Neo-Retórica), provocando medo, calor, erotismo, dor, fome, entusiasmo, etc. – todas guiadas pela sensibilidade e pela paixão que se convencionou chamar de alma. Eis uma questão pulsando neste texto: estaríamos já preparados para substituir definitivamente o contador de estórias?

O romance *Grande Sertão: veredas* (1985), de João Guimarães Rosa, organiza uma gama de histórias e assuntos em tal grau de concentração e expressividade que não se consegue visualizar um assunto somente para uma reflexão mais assentada. Ambientado nos sertões e chapadões do norte de Minas Gerais e sul da Bahia, há a geografia, o pacto e o amor numa demanda que faria inveja a um crítico da conta de W. Benjamin, tão preocupado com o risco de desaparecimento da arte de contar histórias.

Por entre essa floresta de símbolos e metáforas – a própria linguagem do homem traquejado nas lides do campo, exposto ao sereno e criando seres sobrenaturais como companhia nas noites de desalento – todo o resto é sertão, é campear, é pelejar. Há a palavra, a figura mesclada do homem sentado/deitado em sua rede, expondo sua voz em encenação limítrofe. E esse limite – iminência pela demanda da vida – difere de outros narradores porque não se conclui com a catástrofe da morte, mas com o temor da perda da alma. Para além das veredas, da morte, há o medo do aprisionamento na dúvida, na incerteza, no lembrar/esquecer.

Riobaldo, o Tatarana de Fogo, o Urutu-Branco, do seu lugar de narrador, oferece as condições para se auscultar três aspectos narrativos: lucidez da reminiscência, peripécias do conteúdo e a qualidade do narrador. Porém, talvez o sentido interpretativo que tenha poder de ir mais fundo por entre as estratégias de *contação* desse narrador seja a **evocação**. Principalmente porque evocar aponta para três caminhos possíveis: passado mítico, o pacto e a memória. O passado mítico, tribal como o cenário de *Alexandre e outros heróis* (RAMOS, 2003), presentifica as relações ancestrais do homem, disfarçadas nas malhas da civilização, de forma que sejam irônicas e epifânicas. Imiscuídas no bojo da modernidade e da tecnologia, transparência e visualidade são sintomas permanentes: ver as vísceras seja do computador, seja do sacrificado, ainda significam eficiência e escatologia (observar os mecanismos em funcionamento pode oferecer a segurança na realização da tarefa ou o bom augúrio).

A figura do diabo habilmente construída pelo discurso religioso vem sendo absorvida por outra cultura mais desprezada e, por isso mesmo, menos vigiada, sendo fincada ou vincada no cotidiano solitário e simples desse homem do campo de uma forma que nem mesmo os locais de saída discursivos conseguem prever. As instituições de poder tentaram conter a onda de leitura e processamento própria dos discursos religioso e político, originando movimentos de libertação (desordem) e reveses sangrentos (instituição profilática da ordem), como as torturas da Inquisição, as denominadas guerras fanáticas de Canudos, o fenômeno do Cangaço, alcançando a crítica universitária que diz flagrar um valor medieval, antiquado, deformante nessas apropriações, cujo efeito é recuar ainda mais tais tipos de literatura já “atrasada”.

A memória abarca toda a narrativa e é libertada em fluxo incontido, como rio (Riobaldo), por isso mesmo, são postos em cena sem freios, sem mordanças, o amor, a barbárie, a covardia. Evidencio que a obra lida deve ser compreendida a partir das suas diversas camadas de construção de leitura. Mais do que isso, as veredas de Riobaldo devem ser percorridas com cuidado redobrado porque as contribuições de conhecimento em seu narrar estão instaladas nos limites da nossa moralidade geográfica, religiosa, lingüística e literária. Ao tempo em que convida o interlocutor doutor a percorrer aqueles conhecimentos pelo filtro do *ser tão distante* processado pela memória do range-rede, sua atitude aparentemente servil de homem ignorante repete um velho *causo* do doutor que, ao atravessar um rio com um barqueiro capiau, humilhava-o.

Enquanto atravessavam, o homem estudado espicaçava o humilde sitiante com questões acadêmicas sobre a Via-Láctea, os avanços da medicina, idéias filosóficas, humilhando-o. O dono do barco ouvia calado e negava

ter tido tal conhecimento digno dos homens da cidade, apenas aprendera ofício de barqueiro com o pai, mas sempre olhando-o através da ponta do chapéu de palha. No meio do rio, formou-se um forte redemoinho que acabou por virar o barco. Enquanto se afastava nadando o estilo cachorrinho, o barqueiro ainda pode responder aos apelos de socorro do doutor: “Salva-me!, salva-me!”. Então disse: “Ué, não sabe nadar não, moço? Pois eu sei!”.²

De modo semelhante, por essas veredas, não devemos nos rogar de orgulhosos, quanto mais fundo formos nos recantos da memória líquida e movediça do contador, aprisionados pelo fulgor dos seus olhos, mais estaremos à mercê do seu mundo e de sua ajuda providencial. Ele mesmo adverte o interlocutor, dizendo a esse que vá para os fundões, mas aí não verá o que ele viu. Viver é muito perigoso! O gesto do narrador parte daquela ociosidade comum aos senhores de idade um pouco avançada. Agora, há tempo de pensar, esperar companhia para indagar, responder e aguardar resposta sobre a problemática da vida. Segundo o nosso contador,

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquéim: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorseços, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia. (ROSA, 1985, p. 09).

O narrador tem consciência da separação entre ação – *fazia* e *mexia* – e reflexão – *especular idéia* ao elaborar seu discurso sobre a mobilidade do sertão nele ou dele no sertão. Riobaldo, enquanto fala, oferece a existência toda do sertão em si como se, por um defeito de sentido, precisássemos da palavra para tomar consciência do ambiente físico, mítico e cronológico dos chapadões. Pela andança e peripécia, como também da mesma mobilidade, o sertão oportuniza que ele – o contador – venha a saber de si. Os dois são um, e podem ser todos, somente bastando sentar, o gesto, e provar, a atitude, do conhecimento.

Avalio que a visão de mundo do capiau filósofo é maniqueísta, e que contraria o tão conhecido conceito de terceira margem – correndo o risco. Por outro lado, antes mesmo de buscar a terceira via – a complexidade – esse narrador, filiado aos narradores ancestrais pela passagem do conhecimento e pelo gesto na rede, procura unir o que foi separado: a dupla via, a linguagem binária do sim/não. É o que muitos pensadores chamam de linguagem motivada, anticonvencional, ligação irracional entre o mundo e o ser. Assim, o protagonista irá especular idéia, mas será sobre fazer e mexer, pelo ingrediente da fantasia, retornando ao viajar, levando consigo toda a audiência filiada ao seu bando de cabras *desimpolados*.

O range rede, a posse das terras, o “regime de meia” na divisa da lavoura, oferecem as condições necessárias para, no momento exato, *especular idéia* sobre os segredos do mundo – o sertão. O trabalho de Riobaldo constitui em solucionar o mistério da andança, da ambição, da paixão – ao feito de como o homem deseja engolir o mundo e o regurgitar configurado como seus defeitos, imagens e temores. Por isso, também nas suas histórias, o tempo moderno será burlado. O desejo mesmo é de voltar a tempos em que a ressonância da lição essencial era sobre quais os desígnios decisivos para o homem perder-se nos emaranhados da vida e da morte, da fome e da paixão: o mundo é o homem. Do mesmo lado, ser agora uma espécie de coronel, instituição caçada e ocultada numa cultura que deseja identificar-se com as cores modernas, é uma das vias de acesso a essa dimensão/tensão.

² Recolhido da tradição oral.

Chegassem viessem aqui com guerra em mim, com más partes, com outras leis, ou sobejos olhares, e eu ainda sorteio de acender esta zona, aí, se, se! (...) E sozinho não estou, há-de-o. Pra não isso, hei coloquei redor meu minha gente (ROSA, 1985, p. 22).

Aqui, a memória de velho pode ser decisiva na demanda da representação, porque do lugar de *folga* e com aproximação sentida da catástrofe, pode-se vislumbrar a noção do todo da vida pelo rompimento do tempo tradicional, a existência brota incontida como os olhos d'água do grotões. A convivência aceita e processada de hábitos, gostos, gestos, cores, credos, podem promover a visada sem recortes de um mundo que se aproxima da completude pelo enigma destrutivo que o constitui. Em outras palavras, a paz e a violência, a valentia e a covardia, o hetero e o homossexualismo, o teosofismo e o satanismo, a civilização e a barbárie, estão amalgamados na narrativa.

Mais uma vez, o caldo tão indigesto, que deveria provocar ânsias internas num homem como Menocchio (GINZBURG, 1987), obrigando-o a falar (questionar, duvidar) e arriscar-se a morrer, pôde ser transportado pela memória de velho – habilidade de encenação – até a audiência. Riobaldo toma o figurino de funil potencializado capaz de conter e reportar o mundo. Frases como *Viver é muito perigoso* e *O sertão é o mundo* são motes/senhais para acessar o acervo reunido no *mexer e fazer*.

Há uma diferença explícita entre o narrar de Alexandre (RAMOS, 2003) e de Riobaldo: se há um conflito na fala do marido de Cesária, esse estará no presente, porque o passado tanto o satisfaz na encenação, lembrar dos momentos da juventude e suas peripécias, quanto ao demonstrar sua habilidade de narrador, dominando a platéia e motivando-o a re-elaborar sua memória na noite seguinte. Fora disso, pode haver a fraqueza da velhice, premência da morte e a carência da vida simples, sem regalos nem luxo. Riobaldo narra o conflito e, ao mergulhar na memória, encontra-se novamente com as suas provas de guerreiro e sentimentos de paixão. Para o contador das *Veredas*, contar é arriscado.

As histórias de Riobaldo estão se construindo enquanto faladas. Muito mais do que contar o passado com o uso de estratégias narrativas, a encenação reflete sobre o vivido. O encontro com o lobisomem (em *Alexandre e outros heróis*) torna-se experiência coletiva importante pela necessidade que ainda temos de revê-lo para além dos nossos sonhos – mas é um evento construído individualmente. O conflito está em trazer à tona uma persona banida (fator de desordem) da concretização da civilização, ou seja, fora da encenação, naquela camada significativa cuja vibração será percebida ao fechar o livro. Para Riobaldo, importa saber a tessitura existencial do lobisomem. Assim, ele deseja, por sobre o narrar a existência, re-inventar o lobisomem, como também o sertão.

Oferecer o gosto do sertão, ao tempo que especular idéia, talvez nasça de uma desconfiança: o interlocutor poderá mesmo realizar a viagem para conhecer os chapadões? Segundo o autor:

Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora – digo por mim – o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes desmudaram. (...) Mas, então, para uma safra razoável de bizarrices, reconselho de o senhor entestar viagem mais dilatada. Não fosse meu despoder, por azias e reumatismo, aí eu ia. Eu guiava o senhor até tudo (ROSA, 1985, p. 24).

O sertão parece perdido em dois lugares (tropo de espaço) difíceis de alcance: o tempo e a demanda. O nosso doutor, desejando conhecer *o que existe*, deverá ir a tempos nos quais havia a valência da força e da galhardia, a vigência dos *valentões* e de quando usar gibão e paramentos do vaqueiro não era *feito e capiau*. Ademais, será necessário dilatar a geografia, pulsando para outra dimensão, a da memória. Lá sim, se poderá realizar a busca/compreensão do mundo. A longeva lembrança do Tatarana de Fogo – afeito a *azias e reumatismo* – é a porteira de entrada para este mundo em cone, borbulhando dos eventos significativos.

Todo o conhecimento de uma vida será lembrado num fluxo descontínuo e labiríntico. A elaboração do narrador se fará pelas *bizarrices* físicas e emocionais que estão presentes e decantadas na memória. Assim, talvez a viagem se faça, frente-a-frente como num diálogo no espelho. Onde um duvidará se a questão terá sido aquela, ou se a resposta é realmente essa. As marcas estão no texto: *Hem? O senhor? / Hem? Hem?* Riobaldo estará ficando surdo, pela velhice, ou recusa-se a responder à pergunta do interlocutor. A vida continua sendo ópera.

O doutor pesquisador muito parecido com o próprio Guimarães Rosa, tal o pintor espanhol Velásquez que, ao vislumbrar sua obra-prima – *As meninas* – não resistiu a incluir a si próprio como testemunha estética daquela elaboração. Isto parece ser o que o próprio narrador denuncia, quando vislumbra a caderneta de anotações: *O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei* (ROSA, 1985, p. 556). Como se a pergunta terá sido feita à presença/por de algum Riobaldo anterior, nas paragens dos chapadões, durante as viagens vaqueiras do doutor João Guimarães Rosa, preenchendo cadernetas e propondo enigmas a outros que o lêem ouvindo.

A história narrada pelo protagonista, à presença possível do interlocutor curioso (Guimarães), duplicado no livro, é dilatação do mundo nos sentidos para fora (os chapadões) e para dentro – a viagem para compreender-se (o medo da morte, o desaparecimento de Diadorim, o entre-lugar onde ela se constrói: nem homem e nem mulher, porque morta; homem/viva – interdito; e mulher/morta – impossibilidade; mas sempre a fonte da paixão). Se pensarmos num modelo clássico, a paixão ideal, irrealizável. Mesmo depois de ter concluído o texto, nos espaços da página branca, Guimarães ainda deseja estar lá para ouvir o sertão.

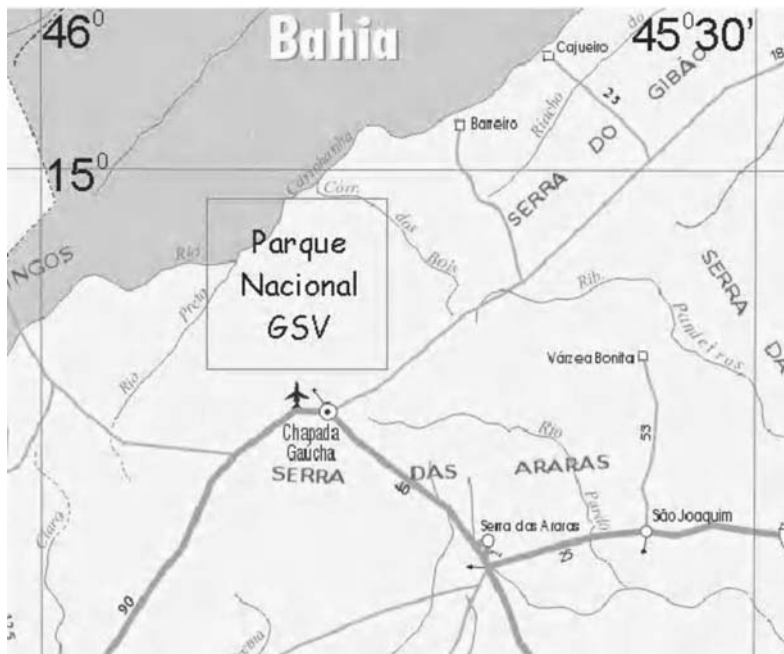
Conhecer o mundo para fora significa também um rompimento com a geografia estabelecida. Mesmo observando como lugares e localidades são mencionados, alguns estão afastados ou aproximados, muitas vezes desrespeitando a cartografia, de acordo com a pulsão de memória que brota da *verbeificação*. Descrevendo os perigos e a localização do Liso do Sussuarão, o narrador o compara a outros tão perigosos:

Ah, o Tabuleiro? Senhor então conhece? Não, esse ocupa é desde a Vareda-da-Vaca-Preta até o Córrego Catolé, cá em baixo, e de em desde a nascença do Peruaçu até o rio Cocha, que tira da Várzea da Ema (ROSA, 1985, p. 32).

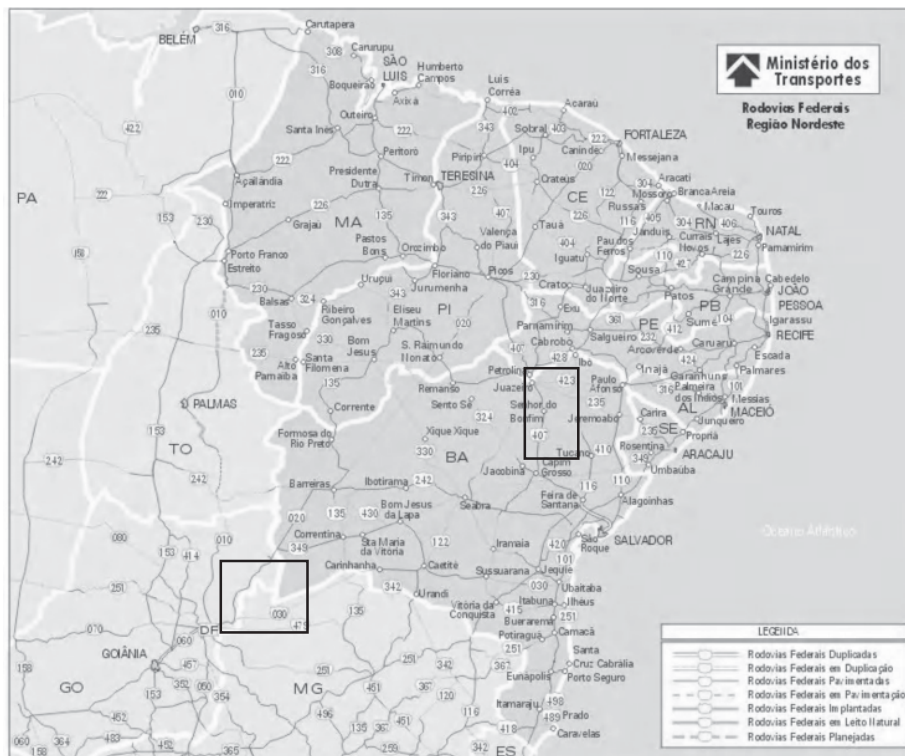
Porém, a Várzea da Ema – antigo e pequeno lugarejo mencionado em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, fica no sertão da Bahia, às margens de um dos desertos mais inóspitos do Brasil – o Raso da Catarina. Além do mais, a fazenda que os jagunços desejam atacar fica logo após o *Liso*, já em *tantos terrenos da Bahia* (ROSA, 1985, p. 34). Procurando uma aproximação nessa condensação mítico-geográfica dos sertões, às margens do Raso da Catarina, ficavam pelo menos três fazendas (São Francisco, Lagoa Velha e Poço do Boi) de propriedade do velho coronel Petro, que foram queimadas por Lampião para se vingar das traições do mandatário. Sem falar também que o Raso era o esconderijo de cangaceiros como Curisco e Lampião, dada a dificuldade de penetrar nesse deserto.³

Não é só pelo título que alguns *sertões* se encontram em citação, mas pela contestação da separação em categorias: no livro de Euclides da Cunha jagunço e sertanejo estão separados, porém, pelas referências de Riobaldo, podem muito bem ser a imaginação do mesmo homem. Portanto, conhecer o mundo pelo filtro da encenação de Tatarana transgride e articula diversas geografias e memórias (inclusive as minhas) no sentido de juntá-las como experiências possíveis.

³ Hoje o Raso da Catarina é muito visitado pelos praticantes de *trkking*. Mas num passado recente foi sugerido que se depositasse nele lixo atômico, dada a sua “inutilidade.”



4



5

⁴ Localização do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Disponível em www.geologiabrasil.hpg.ig.com.br/geologia_lin... Acesso em: 06 abr. 2006.

⁵ Mapa das rodovias federais: Região Nordeste. Disponível em www.transportes.gov.br/bit/inrodo.htm. Acesso em 06 abr. 2006.

A condensação mítico-geográfica e histórico-literária de *Grandes sertão*: veredas faz juntar os eventos entre o norte de Minas Gerais e o nordeste da Bahia, pelo menos, nos dois quadros destacados no mapa.

Feito um rio, entre suas margens, o contador está comprimido por duas forças irresistíveis - conhecer o mundo, de um lado, e, de outro, a expectativa do pacto, a perda da alma, purgação eterna - esse contador deverá burlar menos que um narrador sabidamente acintoso como D. Casmurro, de Machado de Assis (toda a possível culpa de Capitu é efeito da retórica do marido), justamente porque é mais crédulo. Porém, a sua credulidade é dialética e não dogmática.

Todo mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... (ROSA, 1985, p. 15).

Valendo-se da água de toda a religião, quando reza na Igreja Católica, no Espiritismo, na nigromancia, e outras, tenta se proteger da loucura que é a possibilidade da perdição. Sim, o narrador titubeia com a possibilidade do pacto. A especulação funciona como uma forma de desvanecimento da figura demoníaca. E se esse círculo está fortemente montado sob um tempo de medievo, como afirmam alguns estudos, será necessário rompê-lo e trazer o narrador também para a modernidade mais relativizadora, a fim de que as suas investigações consigam êxito. O compromisso da encenação do pacto não foi selado na encruzilhada noturna e soturna, mas na fonte de convicções da cultura popular pulsando na memória do protagonista.

Num texto conhecido, Ecléa Bosi discute sobre o conceito de enraizamento, citando uma afirmação esclarecedora de Simone Weil. Para ela, o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro (BOSI, 1999, p. 16).

A citação acima se aplica ao narrador aqui investigado, com maiores e menores graus de implicação, mas o narrar das veredas é aquele que aparenta ter mais consciência do tesouro que sustém na memória. Ele a excita, ao modo de escavação, mesmo lhe faltando o precioso oxigênio nestas cavernas insólitas, para desvendar mais brilhante e compacto o mundo que especula. O narrador é o próprio sertão.

Para W. Benjamin,

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1994, p. 198-199).

Riobaldo considera o sertão o mundo. Conhece as suas tradições e esperanças pela experimentação, na primeira vez, e pela lembrança, na segunda, fechando círculos de significação. Reforçando esses círculos, estão os narradores anônimos (por dentro) de que fala o crítico alemão e a audiência, cada vez mais crédula das certezas e dúvidas do narrador, os vai sedimentando por fora. Num jogo de recepção e citação, a elaboração estética cumpre outro papel importante, que é de providenciar uma cadência, uma sonoridade e um jogo imagético necessários a uma rápida reedição oral e escrita em cadernos de estudantes, em cartas de enamorados, em canções, em cartazes de propaganda. Jogo, aliás, que não é fruto da alta cultura, mas da narração e memorização de rituais desde tempos imemoriais, passados do mais velho ao mais jovem.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BARBOSA, Maria José Somerlate (Org.). *Passo e Compasso: no ritmo do envelhecer*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. (Col. Memória das Letras, 17).
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Col. Obras Escolhidas – 1).
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Fundamentos, 18).
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1987. (Estudos Brasileiros, 1).
- CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no Grande sertão - veredas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- GROSSMANN, Judith [et. al.]. *O espaço geográfico no romance brasileiro*. Salvador: Editora da Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- Mapa das rodovias federais: Região Nordeste. Disponível em www.transportes.gov.br/bit/inrodo.htm. Acesso em 06 abr. 2006.
- Mapa do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Disponível em www.geologiabrasil.hpg.ig.com.br/geologia_lin.... Acesso em: 06 abr. 2006.
- RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *La nouvelle Héloïse: extraits*. Paris: Larousse, 1937. 2 v.

